

Stadium

N.º 32 * 14 DE JULHO DE 1943



Eleutério, António Santos e Mota Cerveira, do Benfica, três campeões que afirmaram valor nas provas regionais de juniores disputadas nas Salésias

(foto Nanes d'Almeida)

TRABALHANDO... NOTAS & COMENTÁRIOS

NÃO era a primeira vez que protestávamos contra o marasmo a que chegáramos entre nós, o «water-polo».

Este ano, e no dealbar da época natatória, como estava naturalmente indicado, voltámos ao assunto, examinando-o a frio, escalpelizando-o nos seus vários aspectos e proclamando sem reservas a necessidade de «se tomarem quaisquer medidas tendentes a fazer ressurgir o «water-polo».

E recordávamos, a-propósito, que havia precisamente nove anos que não sabíamos o que era um torneio de «water-polo». A modalidade havia «morrido», portanto. E resalvamos, como era de inteira justiça, a persistência do Algés, em manter, através de tudo, a modalidade dentro do clube. Depois, veio o seu torneio inter-sócios, que aproveitámos para bordar, de novo, algumas considerações acerca da modalidade.

Felizmente, a campanha levantada pela «Stadium» em favor do «water-polo» está encaminhada o melhor possível. Entrou-se, mesmo, já no campo das realizações práticas. Vindo ao nosso encontro, por concordar inteiramente com as idéias aqui expostas, a Federação Portuguesa de Natação trás presentemente em organização um torneio de «water-polo», a disputar no próximo mês de Setembro. Falámos, há dias, com um dos mais dedicados membros daquele organismo federativo. E muito de positivo colhemos dessa conversa. A organização de um torneio de «water-polo», patrocinado pela nossa revista, foi assunto tratado e unanimemente aprovado numa das últimas reuniões da direcção.

O respectivo regulamento está a ser elaborado, para depois se abrir a inscrição aos clubes. Tudo está previsto.

A fim de resolver as dificuldades de treino com que os clubes lutam, o Algés, com bela e leal camaradagem, que nunca é demais pôr em relevo, colocou a sua piscina à disposição dos clubes. E, o que é mais, designará elementos seus, de reconhecida competência, para treinadores dos «setes» de toda e qualquer colectividade que deseje utilizar as suas indicações.

Supomos que, como espírito desportivo, não é fácil encontrar melhor.

Neste torneio participarão apenas jogadores que nunca tenham disputado campeonatos oficiais. Pretende-se, assim, difundir o «water-polo» entre as camadas jovens, como é de aconselhar numa modalidade estagnada há nove anos.

E a Federação — fixe-se desde já — será do máximo rigor em tudo que diga respeito à disciplina. Esta manter-se-á, através de tudo. Queremos fazer reviver a modalidade, sim, mas dentro dos mais rigorosos princípios desportivos. «Stadium» oferecerá uma taça que se destina ao vencedor do torneio. Todavia, se os clubes corresponderem, a Federação, por seu turno, instituirá outra e, possivelmente, mais prémios.

Enfim — tudo está marchando no bom caminho. Assim os clubes estejam dispostos a trabalhar e correspondam aos esforços que se desenvolvem.

São eles, afinal, que têm agora a palavra!

ABREU TORRES

A notícia foi já espalhada e a nossa revista referiu-se oportunamente com uma entrevista que despertou enorme interesse.

Espírito Santo, antigo avançado centro e extremo direito da categoria de honra do Sport Lisboa e Benfica, vai reaparecer na próxima época. O seu médico assistente, também médico do seu clube, dr. Acedato de Carvalho, um nome com grandes simpatias no meio desportivo, afirma-o, no «Sport Lisboa e Benfica», com a autoridade que provém dos seus elevados méritos profissionais.

Folgamos, francamente, com a notícia. Espírito Santo, como jogador de futebol e como atleta de invulgar qualidade, deve voltar aos campos em condições de brilhar de novo. Mas o que mais nos agrada é saber-lo completamente restabelecido. Apresentamos-lhe, por isso, as nossas melhores saudações.

NA série das despedidas que se registaram ultimamente em campos de desporto, merecem também registo, dado aliás noutra altura de «Stadium», as de Laurindo Grijó e Mario de Carvalho, no Porto.

Trata-se de dois desportistas nortenhos que criaram posição de relevo, tanto pelo seu valor atlético como pela sua correcção pessoal. Mario de Carvalho, antigo director da Federação Portuguesa de Futebol, é, presentemente, quem representa no norte a Direcção Geral de Desportos.

POR sugestão da Direcção Geral de Desportos, houve durante o campeonato nacional de futebol a cobrança de um adicional por bilhete, a favor dos desportos pobres.

O apuramento encontra-se feito. Neste primeiro ano de aplicação rendeu 119 mil escudos. Para começo, não é nada mau.

MANTEM-SE quasi na mesma o problema da falta de provas de ciclismo. Não se organizam provas, porque não há quem se abalance a faz-lo. O ciclismo de estrada, através, por isso, um período de inactividade, especialmente entre os corredores independentes.

Não queremos discutir o problema. Registamos apenas o facto. Agradamos, porém, anotar que a pista do Lima, no Porto, entrou numa fase de movimentação digna de apreço. Quasi todos os domingos se realizam provas de pista.

Em Lisboa, graças à boa cooperação existente entre o Sporting e o G. D. «A Iluminante», também a pista do Estádio do Lumiar se encontra reparada — e já no domingo se disputaram ali as primeiras provas.

Seguir-se-ão competições em que entram corredores espanhóis, já contratados, e aumentar-se-á o inter-câmbio Norte-Sul.

Assim mantêm-se o estímulo para corredores e clubes. E o público vai criando mais entusiasmo.

COMEÇOU o desfo do futebol. No popular desporto, quando começa o «desfo», principia a oca...

Lá o diga, há dias, o nosso colega «Os Ruidulosos»!

ANO XI — Lisboa, 14 de Julho de 1943 — II SÉRIE-N.º 32

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51145 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TERVE lugar há dias a inauguração da «Escola Nacional de Campismo», organizada pelo Clube Nacional de Campismo. É mais um motivo de propaganda para a vida ao ar livre. Folgamos com a iniciativa. E felicitamos o clube organizador pelo êxito conquistado.

HÁ clubes que nunca envelhecem. O Clube Internacional de Futebol, um dos mais valiosos baluartes do amadorismo desportivo, não decanar no capítulo de iniciativas. Nesta altura, propõe-se reatar as suas tradições, no que respecta à organização de grandes torneios de ténis. Com este objectivo, preparou a «I Quinquena de ténis do CIF».

O ténis vai, pois, ter duas semanas de boa propaganda.

QUANDO o Futebol Clube do Porto entrou no período das exhibições irregulares no futebol, que caracterizou a sua participação no último campeonato de Portugal, procurámos animar o antigo campeão acerca da crise que atravessava — e dissemos que não mesmo devia criar as condições necessárias para reagir a um declínio que nos parecia passageiro.

Apraz-nos, pois, significar a nossa satisfação pelas considerações feitas pelo novo treinador do Porto, na entrevista que nos concedeu. Pensando recorrer somente à prata da casa, o Porto resolve o problema em dois aspectos que lhe interessam — fortalecer o seu consórcio de honra, sem desvalorizar as equipas adversárias.

É sempre oportuno indicar alguns exemplos — na altura própria.

Na semana passada voltou-se uma canoa perto de Pago de Aroca. Estava matriculada no Sport Algés e Dafundo — e todos os tripulantes sabiam nadar. O desastre deu-se a meio do rio. Não houve, porém, vítimas. A natação contribuiu para o salvamento de várias vidas em perigo. Esta anotação simples basta para focar o valor da natação como desporto utilitário.

O Futebol Clube do Porto ganhou o campeonato nacional de «hand-ball» pela quinta vez consecutiva. É uma proeza invulgar entre nós.

COMEÇOU a disputar-se o campeonato nacional de «basket-ball».

Trata-se de uma prova que desperta sempre interesse em grande parte do país. O «basket-ball» é de momento, um dos desportos mais praticados na provincia.

DISPUTOU-SE, recentemente, a final do campeonato militar da região a que pertence Lisboa. Esta final veio pôr novamente em foco o valor actual de Setúbal como núcleo de futebol, pois coube à equipa do regimento de Infantaria 11 de frontear, em Lisboa, o «conce» do Batalhão de Telegrafistas.

Venceu o grupo da capital. Mas os jogadores de Setúbal bateram-se de tal modo que chegaram a 2-2, depois de perderem por 0-2. Um goal de Alvaro Pereira decidiu a luta, quasi no fim da partida.

PROSSEGUEM os campeonatos de atletismo. As provas têm despertado um entusiasmo que deve assegurar o brilhantismo das provas nacionais. O atletismo entrou, por isso, na época da sua maior animação. Caiem alguns recordes a despeito de haver falta de atletas.

Trabalha-se e progride-se. Não é tudo. Mas é alguma coisa...

FUGIMOS por vezes aos exemplos da Espanha desportiva — mas há por lá muita coisa era que nós podíamos, pelo menos, meditar. Anotemos, entre outros casos de flagrante actualidade, a existência de um grupo de instrutoras de «basket-ball», na Secção Feminina da Frente das Juventudes.

É com bons mestres que se faz a melhor propaganda — em qualquer desporto.

TERMINOU a época de futebol, o magnífico desporto das grandes multidões. Notou-se entusiasmo em cheto, de Norte a Sul do país. Movimento. Vibração. Beleza de atitudes. Emoção. Todos os aspectos necessários para engrandecer a actividade do futebol português durante o ano.

Chegou, assim, o «desfecho», o período de sossego desses milhares de adeptos do nosso futebol. Mas o eco forte do último aplauso, o som prolongado da interminável salva de pat-que se ouviu pelo Estádio, no último domingo de bola, fica ainda por largo espaço de tempo a assinalar a vida de uma época do futebol nacional particularmente emotiva.

Enquanto esses milhares de fieis adeptos da bola aguardam que o seu desporto preferido regressa à actividade, interrogando-se com curiosidade sobre o que lhes reservará a nova época, fômos arguir, junto de figuras de prestígio do nosso futebol, as suas opiniões sobre a época que terminou há pouco.

«Stadium» percorreu Lisboa, encontrou-se com uma e outra personalidade do desporto e pediu-lhes o seu pensamento. E essa seria de opiniões que registamos e oferecemos à curiosidade dos nossos leitores.

A melhor resposta

No Governo Civil de Lisboa, à hora de maior movimento. Uma ordenança solícita e atenciosa acompanha-nos ao gabinete do comandante da Polícia de Transito, figura bem conhecida e prestigiosa do desporto nacional: o sr. capitão Maia de Loureiro, representante ilustre do Desporto na Camara Corporativa.

O distinto official recebe-nos com a habitual amabilidade. Transmitimos-lhe o nosso desejo e, nos rapidos segundos de um aperto de mão, suficientes para formar uma idéa, diz-nos rápido:

— É melhor não dizer nada!...
— O aperto de mão é mais forte — e nós abandonamos o Governo Civil bem dispostos e sorridentes pela resposta do ilustre official.

Fala a Federação...

O sr. prof. Cruz Filipe mantém no desporto nacional situação de justo relevo.

O seu nome, mercê da acção brilhante que tem desenvolvido na presidência da Federação de Futebol, atravessou a fronteira. Ver-

Quando o STADIUM pergunta...

Que pensa da última época de futebol?

Depoimentos dos srs. cap. Maia de Loureiro, prof. Cruz Filipe, ten. Joel Pascoal e cap. Ribeiro dos Reis

dadeiro diplomata dos negocios da bola, o sr. prof. Cruz Filipe não recusou a sua opinião.

— A minha opinião é a melhor possível. Foi uma época brilhante pelo interesse das competições e especialmente pelo ambiente disciplinar verificado no decorrer de todos os jogos. A disciplina, o grande motivo para prestígio e valorização do futebol português, é um facto graças à acção do Estado, por intermedio da Direcção Geral de Desportos. E por isto mesmo o interesse foi maior, os resultados económicos excelentes — e prepará-nos para um futuro que, sem duvida, há-de marcar posição de relevo na história de futebol português...»

... e a A. F. L.!

O sr. 1.º tenente Joel Pascoal, que na presidência da Associação de Futebol de Lisboa desenvolve acção merecedora do melhor aplauso, recebeu-nos acompanhado de dois dos seus mais directos cooperadores, o vice-presidente da Assembleia Geral, sr. Eugénio Moita, e o secretário geral, sr. Travassos Tavares.

«Stadium» regista com satisfação tão honroso acolhimento, transmitindo as suas palavras:

— Deveras interessante o nível de que se revestiram os campeonatos. Melhoría de jogo e de composição disciplinar, em face da intervenção da Direcção Geral de Desportos.

«Os jogadores procuraram integrar-se mais no jogo, abandonando aquele deplorável sistema de conflito e perseguição ao adversário.

«A. F. L. acompanhou a intervenção da Direcção Geral exercendo a sua acção disciplinar pela forma mais rígida e inflexível, notando sempre as decisões pela maxima imparcialidade e justiça. Esta preocupação foi tão longe que investigámos cuidadosamente a conducta pessoal de cada jogador que merecia sanções disciplinares. Fômos conhecer elementos com cadastro na policia e porisso indesejáveis no futebol português. Afastamo-los por forma a nunca mais poderem pisar um campo de jogos.

«Esta gerência — ainda no aspecto disciplinar — bateu de longe qualquer «record» na applicação de castigos, desde a repressão registada à suspensão por três anos.

«A criação da Direcção Geral de Desportos foi recebida com o maior e melhor interesse, constituindo necessária intervenção do Estado, não só no futebol como nas outras modalidades desportivas.

«As arbitragens beneficiaram deste aspecto geral. Os árbitros viram mais acatadas as suas decisões e puderam agir mais à vontade.

«Foi uma época a todos os títulos brilhante. A A. F. L. regista-o com entusiasmo; viu chegar o final da época com a certeza de que todo o ambiente verificado, quer em jogo ou em disciplina, será para o futuro um magnífico valor a enriquecer o desporto nacional.»

Opinião autorizada

O cargo de seleccionador nacional foi occupado por um nome de puro destaque no futebol português. Muito embora a sua acção fosse limitada à formação de uma equipa sem responsabilidades de facto, o nome do sr. capitão Ribeiro dos Reis para o diffcil cargo foi recebido com unânime agrado.

Se circunstâncias diversas não permitiram que continuasse no desempenho de tal cargo, é justo que se recordem as suas indicações — que forneceram à formação da possível equipa nacional a melhor directriz, por certo que a dar também os melhores resultados.

Impunha-se que o ouvíssemos. É certo que recámos as suas occupações officiais, e nesta altura do ano, aquela complicada elaboração dos dados estatísticos do futebol... Mes o sr. capitão Ribeiro dos Reis é jornalista e sobretudo, neste aspecto, camarada dos mais distintos e amáveis. Por isso o nosso inquérito tem a sua colaboração:

— O campeonato nacional deste ano ofereceu luta interessantíssima, em virtude do duelo travado entre os três primeiros classificados. A classificação esteve incerta até final e isso explica o êxito desportivo e o êxito financeiro da prova.

«O Belenenses foi o «onze» que exibiu melhor futebol, mas o Benfica foi o que soube defender melhor a sua chance, pensando na balança dos resultados a energia infatigável e a vontade de ferro dos seus jogadores — que puzeram por vezes na luta o máximo de abnegação.

«O novo triunfo alcançado na «Taça» foi a contra-prova do valor demonstrado, embora as características deste último torneio, campo aberto a todas as surpresas, lhe roubem rigor desportivo.

«O Benfica, coleccionando os dois títulos, cometeu proeza de vulto, sobretudo depois do esforço exigido à equipa nos últimos jogos do campeonato nacional, que a par da fadiga física deve ter ocasionado aos jogadores muita fadiga nervosa.

«Jogar-se-á agora mais ou melhor do que antes? Não me abalanco a affirmá-lo concretamente. O que se joga, com certeza, é com mais consciência técnica.

«Não há as individualidades de então, cujo virtuosismo ainda não esqueçemos. Não abundam as jogadas de genio que resolviam por vezes um desafio. Mas há mais disciplina de conjunto.

«As exigencias das provas obrigam ao regimen de remuneração, que apesar de tudo ainda não abastardou por completo os sentimentos de dedicação clubista. Há exemplos frisantes. O que se torna necessário é criar o ambiente onde esses sentimentos possam proliferar.

«A causa das arbitragens ganhou prestigio na temporada que vai findar. Os árbitros, revestidos de maior autoridade, têm procurado corresponder às responsabilidades, também maiores, da sua missão, melhorando o grau dos seus conhecimentos, aperfeiçoando o sistema de colaboração com os fiscaes de linha e procurando impôr-se por um trabalho firme e imparcial.

«Continua-se, porém, a lutar com a ignorância e com a intolerância do publico. A paixão clubista cega mesmo as pessoas mais cultas e mais inteligentes.

«As medidas repressivas adoptadas na presente época pelo que respeita às atitudes do publico e dos jogadores, melhoraram indiscutivelmente o ambiente em que decorreram as competições, facilitando a tarefa dos árbitros.

«Esperamos que tudo corra ainda melhor na proxima temporada.»

Seguem-se, no próximo número, as opiniões de Tavares da Silva, drs. Augusto de Fonseca, Armando de Aguiar e Constantino Fernandes, e Paiva e Silva

Vinte anos atrás

MAIO DE 1923

EM Grenoble, uma equipa portuguesa triunfou num torneio internacional de espada inter-escolares, ao qual concorreram representantes de mais cinco países. Constituíam a equipe vencedora os atiradores Bernardo Gouveia, Raúl Andréa e Quirino da Fonseca, que alcançaram, respectivamente, 10, 8 e 7 vitórias.

— Nos primeiros dias do mês, o Vitória, de Setúbal, exhibiu-se na Figueira da Foz, ganhando a uma selecção local, por 3-2, e à Naval 1.º de Maio, por 3-1.

— O Real Vigo visitou o Porto. Ganhou ao Boavista, por 4-1, e ao F. C. P., por 4-0. Na desforra com este último, perdeu por 3-2.

— O Marítimo, campeão da Madeira, foi a Tenerife disputar três encontros com o C. D. de Tenerife. No dia da estreia os funchalenses ganharam por 3-2. Depois, os dois «teams» empataram: primeiro, por 1-1; na despedida, sem marcarem «goals».

— No domingo 6, o Sporting ganhou o campeonato de Lisboa, depois de ter batido, por 2-0, o Casa-Pis, vencedor da 2.ª Divisão, que por ter ganho ao Internacional, último classificado da 1.ª Divisão, conquistara o direito daquêle encontro decisivo. Arbitrou Vitor Gonçalves. Marcaram os «goals» Francisco Stropm e Jaime Gonçalves, este último de «penalty».

— Num terceiro encontro, o Portugal F. C. venceu o União Lisboa por 1-0, ingressando assim na 2.ª Divisão.

(Conclue na pág. 14)

Corrija o seu Estilo

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

INICIO hoje nas páginas de «Stadium» um processo de crítica técnica directa que me parece a mais vantajosa para os estudiosos e até para os próprios atletas apreciados.

Não envolvem estas apreciações o mínimo desprimor; antes pelo contrário, pois apenas incidiram sobre praticantes que tenham revelado qualidades dignas de aperfeiçoamento.

Se algum se zangar — o que não acredito — tanto pior para ele... A intenção é a melhor.

Faustino Guerreiro, campeão de estreates e principiantes de saltos em altura.

1 — O tronco devia estar paralelo à barra, com a cabeça ao mesmo nível da bacia.

2 — A perna esquerda em caso algum devia ser a primeira a passar a barra; assim impede a esquivada da anca, que é a principal vantagem do rolamento.

3 — Há discordância entre as posições dos braços e das pernas; os braços avançados e a perna esquerda avançada em relação à perna direita, colocam a cintura escapular e a bacia em rotação oposta de noventa graus. Se os dois braços veem adiantados (Steers), a perna inferior fica atrazada e é atirada directamente para trás e para cima; nas outras variantes do estilo, o braço esquerdo fica recuado e a perna inferior acom-



panha a outra na subida, para ser atirada para trás no momento em que vai atingir o plano da barra e proycar assim a esquivada da anca.

4 — A posição da perna direita é boa, mas neste momento já devia ter sido lançada para baixo e para diante, em oposição à outra, a-fim-de virar o corpo de face para a barra.

Karl Mayer, campeão de estreates e principiantes do lançamento do peso.

1 — O pé da frente devia estar inteiramente em apoio, e o pé de trás em apoio sobre a ponta.

2 — A posição da bacia está errada, pois devia ter avançado de forma que a vertical do centro de gravidade caísse sobre, ou ligeiramente adiante do pé esquerdo de apoio. Estes dois defeitos de atitude são resultantes do excessivo afastamento dos pés.

3 — Excelente posição dos braços, cintura escapular e cabeça; o braço esquerdo pucha para trás e para baixo, favorecendo a subida do ombro direito e assegurando a resistência de apoio à impulsão do braço direito, que se estende com o cotovêlo afastado do corpo e a palma da mão voltada para diante.

Álvaro Dias, campeão de principiantes de salto à vara.

1 — As mãos largaram a vara cedo e simultaneamente, quando a superior devia ser mais atrazada.

2 — A rotação do tronco foi bem feita.

3 — Não foi feita a flexão angular do corpo; as pernas deviam estar na linha ponteada.

4 — Os braços vão ser atirados para trás, ao mesmo tempo que as pernas descem à frente.

Salazar Carreira



1 — Aspecto da exposição de campismo na Casa do Alentejo; 2 e 3 — Na sessão solene comemorativa do 6.º aniversário do Monte Pedral; 4 — Os tenistas que tomam parte na "Quinzena de Tenis" do Internacional; 5 — Pratas Dias, do C. I. F., campeão de Lisboa de 2.ª categorias.

(fotos Nunes d'Almeida)



XADREZ

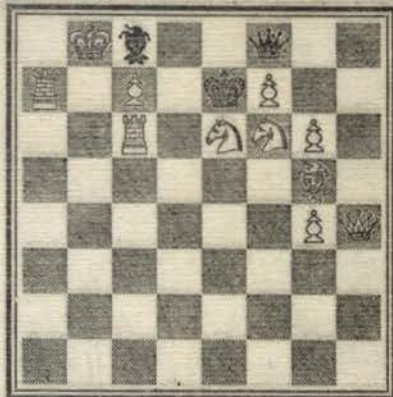
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redacção, com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 3

Shakhtadet, 1936

C. Mansfield



1.º Prémio

Mate em 3 lances

O prazo de entrega das soluções é de 15 dias

Solução do problema n.º 1: 1. Te 7.
 A chave deste interessante «meredit» (problema com um máximo de 12 peças) — desobstrua a casa e4, ameaçando mate com a sua ocupação pelo Pe2. As pretas defendem essa ameaça, desobstruindo por sua vez a casa f4, o que proporciona alguns mates agradáveis, conseqüentes das intercepções do B em d8 (De2) — c7 (Dxd7) e — b8 (Df8).
 Resolveram este problema os srs. Alberto Mesquita e Mário Faisca, de Lisboa.

Solução do problema n.º 2: 1. Bf8!
 Solucionista: Alberto Mesquita, de Lisboa.

CORRESPONDÊNCIA — Jean Josselin, Lisboa — Recomendamos-lhe uma análise mais atenta do nosso primeiro problema, para que reconheça o seu erro na solução que nos enviou. Aconselhamo-lo, também, a consultar a nossa crónica de 19 de Maio, publicada no nosso numero 24, porque a notação que adoptou não é correcta, acrescentando que, para a identificação das peças, usa-se simplesmente a inicial dos nomes, com que são designadas.
 Fazemos notar aos nossos leitores que, para solucionar os problemas em 2 lances, basta-nos apenas a chave, isto é, o primeiro lance das brancas.

O campeonato de Lisboa

TERMINOU esta importante prova. As eliminatórias, devido à pouca homogeneidade das «fôrças» concorrentes, obtiveram apenas interesse muito relativo.
 Classificações: Elim. A — 1.º «ex-aequo» — Rui Nascimento e Mário Faisca; 3.º — Ludgero de Azevedo; 4.º — J. Castelo Branco. Elim. B — 1.º «ex-aequo» — Silva Ramos e C. Pistone; 3.º «ex-aequo» — Caetano da Costa e Rocha e Melo. Elim. C — 1.º — Francisco Lupi; 2.º — H. Rocha; 3.º — engenheiro R. da Silva; 4.º — J. Cascalho.
 O conjunto da pontuação por equipas dá-nos os seguintes números: 1.º — Grupo de Xadrez de Lisboa, 15 pontos; 2.º — Instituto Superior Técnico, 10 pts.; 3.º Grupo de Xadrez do Café Martinho, 8 pts.; 4.º — Instituto Comercial de Lisboa, 3 pts.
 O apuramento dos três elementos do G. X. L., bastante elucidativo, pareceu-nos tarefa fácil — o que não quer dizer que os demais jogadores, todos eles estreatantes na prova, tivessem vergado ante a incontestável superioridade dos primeiros...
 O Técnico e o Martinho, dois núcleos prometedores, constituídos na sua maior parte por

MUITO temos dito e escrito sobre luta greco-romana. Não estamos arrependidos. É que «água mole em pedra dura, tanto bate até que fura»... Parece-nos, felizmente, que as coisas tomam rumo novo. Pelo menos não estamos sózinhos em campo. A campanha que temos desenvolvido, sem outros intuitos que não seja contribuir para a valorização, melhor, para a ressurreição de um desporto excelso, de altas virtudes fisiológicas, completíssimo sob todos os aspectos — e que há três anos se encontra inexplicavelmente abandonado pelas entidades dirigentes e pelos clubes praticantes, que tinham a absoluta obrigação de não o deixar morrer — enceta outra fase.
 As razões do abandono já estão por demais escarpeladas. Pertencem a um passado que é necessário esquecer, mercê do que se possa fazer daqui em diante.
 Afirmámos, mais de uma vez, que não abdicaríamos do nosso ponto de vista, da nossa pertinácia e teimosia. Não era um capricho. Era simplesmente um imperativo de consciência. Supuzemos, porém, a certa altura, que estaríamos a bradar no deserto... — passe a imagem!... Mas felizmente, não.
 Temos recebido palavras de encorajamento, em número suficiente para julgarmos aberta uma ofensiva definida a favor da luta greco-romana. Nela tomámos a dianteira, nele terçamos quantas armas sejam precisas para atingirmos os fins. E se estes não se conseguirem, o que nos parece improvável, ficar-nos-á ao menos a certeza de que foi tentado tudo quanto era humanamente possível.
 Mas vamos a factos: do Sport Clube do Intendente, uma colectividade que há ano e meio remeteu um officio à F. P. L. solicitando a sua filiação e até hoje não obteve resposta, recebemos uma carta em que nos comunica que «tem tentado organizar torneios de luta, sem nada conseguir, devido aos clubes a quem se dirigiu se recusarem, alegando que não tinham as suas secções convenientemente organizadas. Por estes e por outros motivos, a actividade do clube limitou-se ao campeonato inter-sócios».

Envia-nos também os resultados de uma sessão, pelos quais vemos nomes conhecidos na modalidade, como os de Anselmo Barata, António Coelho Xavier e António Pedro Silva, estes dois últimos numa exibição, e os nomes de Álvaro Santos e João Lourenço, que arbitram.
 Outra carta: a de um antigo praticante da modalidade, que se retirou campeão em 1935, mas que nunca deixou de dar a sua contribuição de trabalho em diversas organizações: Hermenegildo Pires Catita.
 Escreve-nos uma longa missiva. É-nos impossível transcrever-la na íntegra, mas vamos extrair alguns períodos, que se nos afiguram curiosos e reforçam tudo quanto temos dito.
 Por exemplo: «Federação, praticamente não existe, e como falta o seu estímulo, orientação e incitamento, vem a conseqüente falta de interesse por parte dos clubes (porque não há provas oficiais) e, logicamente, o abandono quasi total dos praticantes e a impossível revelação de novos, etc., etc.» E

xadrezistas «novos» e de força prontamente equiparável, conseguiram também, por intermédio de Faisca e Pistone — um par que em boa hora volta às lides — passar as difíceis malhas das eliminatórias e marcaram a sua presença na final.
 Por último, a equipa do Instituto Comercial, como já se esperava, não constituiu motivo para receios... A sua falta de experiência em competições desta natureza, arrastou-a, pela força das circunstâncias, para o último lugar. Mas, fazendo justiça às qualidades demonstradas, aconselhamos os jovens xadrezistas do I. C. L. a não desanimarem e a verem apenas na sua actuação infeliz um estimulante e nunca uma derrota.
 A final, que foi rijamente disputada, terminou com a vitória de Francisco Lupi, por conseqüência actual detentor do titulo de Campeão de Lisboa. No próximo número daremos uma notícia mais permonorizada, e, brevemente, publicaremos as melhores parliadas desta importante competição.

ALGO DE NOVO SOBRE O TAPETE...

É PRECISO ANIMAR A LUTA

Aplausos de várias procedências à doutrina exposta nas nossas colunas

mas adiante: «Não hesito indicar dois caminhos à Federação: ressuscitar ou retirar-se, dando lugar a gente dinâmica, empreendedora e activa, que possa dar à modalidade o ritmo a que tem direito, e para isso sei que há rapazes cheios de vontade e conhecimentos».

Incita-nos depois a que não renunciemos à nossa campanha, terminando por dizer: «Coloco-me ao dispôr de todos os que queiram tomar parte no movimento renovador, assim como de qualquer colectividade ou entidade a quem os meus modestos serviços possam ser úteis. Sei que em todos os clubes que praticam luta, e muito especialmente no Ateneu, não faltam vontades iguais à minha, e assim a ressurreição será um facto».

Registamos com satisfação as palavras e a espontânea oferta de Hermenegildo Pires Catita. É um apoio valioso, que aproveitaremos na primeira oportunidade, como aproveitaremos quantas boas vontades se nos depaerem.

E hoje, por ultimo, referimo-nos a outra carta, que vem assinada por um nome já antigo do nosso desporto: Dionísio Hipólito, praticante que foi de luta greco romana, instrutor do extinto Sport Clube Progresso, jogador de futebol e massagista, por demais conhecido de quantos andam ligados aos assuntos desportivos.

Dionísio Hipólito é um amigo velho. A sua carta deu-nos grande alegria. Diz-nos ele, entre outras coisas: «Se uma parte dos indivíduos que se dedicam à cultura física se consagrarem à luta greco-romana e nela começarem a descortinar as suas virtudes, estou certo, certíssimo, que se tornaria os seus mais acérrimos defensores e propagandistas. A luta é uma escola de lealdade, energia e combatividade. Não deforma os corpos como alguns desportos nem se adquirem lesões com a sua prática. Um lutador, o seu nome o diz: luta sempre, não quer dar-se por vencido, e até mesmo os que, mercê das circunstâncias, se vêem inibidos de lutar no aring», como eu, lutam pela sua causa. E aqui tem mais um, a terçar armas pelo nosso desporto».

Com estes depoimentos, a campanha tem de ir para a frente. A eles, estamos certos, outros se juntarão. A tribuna é livre e acolheremos de braços abertos quem se nos dirigir. O que é preciso, o que é fundamental, é não parar.

Pela nossa parte, continuaremos em frente com este objectivo: dar vida à luta greco-romana.

Somos mais peremptórios ainda: é absolutamente necessário ter Federação em outubro próximo, com a mesma gente ou com outra — mas a trabalhar!...

E ficamos aguardando todos que se queiram pronunciar.

LANÇA MOREIRA

Cartões de livre trânsito

Da Associação de Atletismo de Lisboa e do Paço de Arcos Hockey Clube recebemos os habituais cartões de livre trânsito, gentileza que agradecemos.

Consagração de campeões

A Comissão de Iniciação e Propaganda do Sport Lisboa e Benfica, em concordância com a direcção do clube, promove no domingo a merenda de consagração aos campeões, em Sintra, utilizando-se do magnifico Parque Municipal, por amável aquiescência do sr. presidente e vereadores da Câmara.

A inscrição encontra-se aberta na secretaria do clube, onde se prestam todos os esclarecimentos.

JA alguns dos meus camaradas da imprensa desportiva se me têm dirigido a perguntar onde quero chegar com esta série de artigos que, em defesa de uma profissão, tenho estado a escrever para a «Stadium» — revista de jornalistas, onde impra única e exclusivamente o desejo inquebrantável de «servir os desportos», com toda a sinceridade, carinho e acendrada dedicação.

E, assim, procuram inquirir da finalidade destas crónicas, julgando-as feitas para determinadas «carapuçãs», para atingir este ou aquele. Ora a verdade é uma só: não quero ferir ninguém, não quero atingir ninguém; quero somente focar todos aqueles que não defendem, como era seu dever, a causa dos desportos e da educação física, permitindo que os jornais sirvam facções — e não sirvam o país! Comprehendem os meus precados colegas? «Que não sirvam o país!»

E não o servem todos aqueles que, sem doutrina definida, sem divisa ou lema, olhando unicamente interesses discutíveis, continuam a admitir ou a consentir dentro dos seus jornais indivíduos cuja falta de preparação e composição, lhes impedem, positivamente, saber o que andam a fazer neste vale de trabalhos... e de intrigas.

O meu único desejo é lutar, trabalhar pela causa desportiva nacional, e entendo — talvez no meu fraco entender... — que sirvo mal, que dirijo mal, que oriento mal, se consentir dentro das colunas que a «Stadium» põe, número a número, à minha disposição, quem não saiba fazer política construtiva, política de coordenação, outra política que não seja aquela que omni da boca do sr. Director Geral de Educação Física e Desportos, por ocasião do aniversário da Associação do Futebol do Porto, em palavras que, se não eram estas, diziam o mesmo: «É preciso construir, deixar de dizer mal, porque há muito quem o diga; e mesmo ao dizer-se mal, é preciso provar onde está esse mal, e como se deve de proceder para fazer bem».

Não garanto a reprodução exacta das palavras. Mas garanto que a idéa era esta.

E é esta também a orientação da «Stadium» — e que eu aceitei como a melhor e a mais perfeita para defesa dos supremos interesses do desporto português.

É preciso não falsear a finalidade das nossas funções, e outra coisa não tem sido feita, infelizmente, de há tempo a esta parte.

É preciso arrear caminho, regressar aos tempos da propaganda, disciplinar, corrigir, educar e ensinar, pela palavra, pelo exemplo.

Criem todos, meus camaradas: se eu fora alguém com poderes para tal, providenciaria no sentido de que, em todos os números dos jornais da especialidade e uma vez por semana nos jornais diários, se pudesse ler um artigo totalmente doutrinário e disciplinador...

Comeria a disciplina pela imprensa, e — aqui para nós, que nos não ouve ninguém — talvez começasse, como se costuma dizer... pelo princípio.

MÁRIO AFONSO

Notas... sem valor

O Unidos, de Lisboa, que tão boa impressão nos deixou no jogo com o Futebol Clube do Porto, na final do campeonato nacional, aceitou, de bom agrado, sem «impôr condições», o convite do Vilanovense para um jogo amigável, no dia imediato.

— A caravana do sul recebeu do clube de além da ponte a prova mais sincera de camaradagem desportiva. A direcção do Vilanovense, com o concurso de Manuel Lopes dos Santos, presidente da Associação de Hand-ball do Porto, conseguiu um bom programa no campo «Soares dos Reis». O Unidos de Lisboa retirou para a capital com a certeza absoluta de ser bem tratado por um clube gaiense — o Vilanovense.

— O campeonato regional de «hockey» em patins, de reservas, já tem o seu representante apurado — o Académico. Ganhou o título

(Conclus na pág. 15)

Carta a S. Ex.^a o Director Geral dos Desportos

sobre a situação deplorável do atletismo portuense

Sr. Director Geral:

VEM da meninice o entusiasmo que sinto pelo atletismo — que figura entre as mais salutares das modalidades desportivas! Comecei a praticá-lo no tempo dos Prata de Lima, do Sarsfield, do Mário Porto, que é como quem diz nessas épocas gloriosas do atletismo portuense em que havia entusiasmo pelas organizações atléticas, quer da parte do público, quer da parte dos praticantes.

Deixei depois a prática, onde colhi os momentos mais felizes de toda a minha vida, e dediquei-me ao estudo profundo da modalidade, cujos frutos — bons ou maus — estão simbolizados por um livro e por dezenas de artigos técnicos espalhados pelos jornais diários do Porto e em diversas revistas desportivas: procurando sempre apontar os erros sem esquecer de indicar, por outro lado, o melhor caminho a seguir; procurando sempre servir o atletismo da minha terra — sem esperar benefícios.

Por isso mesmo — e só para justificar esta carta que tomei a liberdade de endereçar a V. Ex.^a é que me perdi com o meu «eu» — sinto-me profundamente à vontade para vir aqui falar em nome do atletismo portuense, pedindo para ele a atenção de V. Ex.^a, que por certo não deixará de se fazer sentir com a rapidez que requiere tão deplorável situação.

O entusiasmo pelo atletismo não é palavra vã na minha terra: os clubes mantêm as suas secções; os praticantes continuam a seguir preparação cuidada; e o público aguarda impaciente a realização dos habituais campeonatos, que deviam ter principiado há perto de dois meses!...

As causas de tal estado de coisas?

Respondo: são os erros do passado com o seu cortejo triste de consequências... Foram os maus desportistas, guindados aos postos de comando pelo falso espírito clubista, que criaram ambiente detestável no seio da Associação Portuense de Atletismo — e de tal forma que todos se recusam agora a ocupar os cargos directivos daquela colectividade. E hoje assistimos a este miserável espectáculo: há atletas, há público, os clubes movimentam-se, mas não há dirigentes que organizem os indispensáveis campeonatos!

E acredite V. Ex.^a: se se quiser e se se souber trabalhar, o Norte poderá ser o primeiro centro do atletismo nacional!

Ouso dirigir-me a V. Ex.^a em nome do atletismo portuense — e ninguém o pode fazer melhor do que eu, porque ninguém o tem servido com mais carinho, com mais entusiasmo e com maior desinteresse; escrevo-lhe, e certo estou que V. Ex.^a ordenará um inquérito à sua deplorável situação, inquérito esse que não deixará de ter as consequências mais agradáveis para o futuro do atletismo nortenho!

Disponha V. Ex.^a da minha humilde pessoa

EDUARDO SOARES

Notas várias

— O Académico, onde Roberto Machado continua a trabalhar com afinco e proficiência, organizou mais um torneio entre-sócios à falta de campeonatos...

Embora não nos tivesse sido possível assistir às provas, verificamos, pelos resultados obtidos, que os atletas do Lima têm feito progressos e que novos valores se revelam.

Sampaio Peixoto — por exemplo — creditou-se com 11 s. ¹/₁₀ nos 100 metros e com 39 s. nos 300 metros, tempos que dizem bem da sua forma. Parece-nos, porém, que está nos 400 metros a distância em que melhor tempo pode obter, mas para isso necessita de um inverno de treino especial e de deixar de ser atleta enciclopédico...

Cadete e Alberto Cunha continuam a demonstrar que não perderam facultades.

Nos novos, aparece-nos Costa e Almeida como «tempo» interessantes.

Como se vê, o Académico está preparado para os campeonatos, e embora ponha à disposição da A. P. A. a sua admirável pista de cinza, estes não se realizam...

Quando estes apontamentos forem publicados já deve ter-se realizado um torneio entre o Porto, o Académico e o Académico de Braga, que há falta de provas oficiais vão animando assim o atletismo portuense.

No próximo número deixaremos aqui os nossos comentários técnicos sobre esse torneio e sobre a «forma» de algum dos concorrentes.

HANDBALL

Considerações à volta da visita do Unidos

DEPOIS da impossibilidade do Belenenses actuar nesta cidade, num jogo que se antevia rico de ambiente, ficou com compensação a nova visita do Unidos de Lisboa.

Embora, antes deste seu jogo, não se criasse tanta expectativa como para o do campeão lisbonense, a sua realização veio, pelo contrário, fazer esquecer qualquer outro finalista que se apresentasse contra o F. C. do Porto. De facto, a exibição do Unidos, sem filigranas técnicas, cotou merecidamente o digno representante do «handball» lisboeta.

Três características do grupo, nitidamente acentuadas, e que não chegaram a definir-se completamente na 1.^a mão da sua eliminatória: sobriedade, sentido exacto de «handball», guiado por invisível fio de conjunto.

Verificou-se ausência absoluta de personalismos, «galéria», como o público lhe chama, no qual alguns jogadores portuenses são

«inexecutáveis» (Lopes Martins, Teófilo, Gomes, Xavier, etc.).

O jogo de demarcação surgiu, assim, excentrante, quer na defesa, quer no ataque, rapidamente, com golpes fortes em profundidade.

Desta maneira, a servirem-se todos os jogadores, sem ambições pessoais, o conjunto vingou, desnoiteando o antagonista na construção do seu jogo.

Contribuiu, poderosamente, para essa finalidade, a tarefa rude, persistente, do chefe da equipa (Miranda), na qual Pereira e Marreiros, na frente, e Maia, na rede, distribuíram a «corrente» pelos restantes sectores, sem bruscas descidas.

O médio que segurou Fabião, só por isso, cumpriu como poucos e mereceu bem a vigilância de um elemento que, sozinho, podia ditar um resultado.

(Conclus na pág. 15)



Os concorrentes ao campeonato regional de ciclo-turismo



Os atiradores que disputaram o torneio de tiro aos pratos da A. Caçadores do Sul



Na exibição preparatória do festival da F. N. A. T.

Os campeões nacionais de futebol visitaram os doentes do Sanatório do Outão, proporcionando-lhes momentos de alegria



João Silva, do Benfica, bate o "re-cord" de juniores dos 2.000 metros



A final dos 80 metros, ganha por Eleutério, do Benfica



A chegada da prova de 300 metros na qual triunfou Mota Cerveira

Atletismo
OS CAMPEONATOS REGIONAIS para Juniores

(Fotos Nunes d'Almeida)



F. Guerreiro, do Sporting, salta 1,70 e ganha o campeonato de saltos da sua categoria

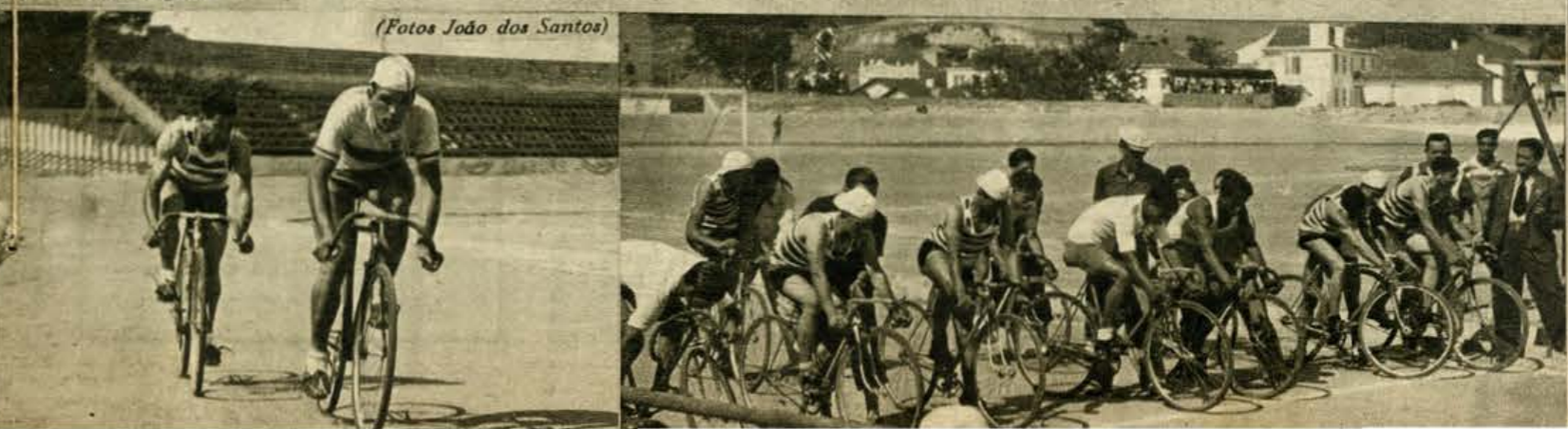
** Ciclismo em pista **
INAUGUROU-SE NO 'LUMIAR' a época de 1943

Trindade e Ildfonso--dois "ases" que reaparecem



A emocionante chegada dos 1.000 metros, na qual Jacinto triunfou por escassos centímetros. Inácio e Rebelo seguem-no em 2.º e 3.º lugares

(Fotos João dos Santos)



Os campeonatos de júniores de atletismo

Mostraram superioridade colectiva do BENFICA

Os campeonatos regionais de juniores, que ocuparam as duas últimas jornadas do atletismo lisboeta, confirmaram as impressões gerais colhidas nos torneios precedentes: o excelente conjunto da equipa do Sport Lisboa e Benfica, que domina em absoluto a situação, e a necessidade de alterar os processos de organização dos programas para obter de facto público próprio e numeroso que, assim, não conseguiremos captivar.

A assistência foi em ambos os domingos bastante avultada, mas temos de reconhecer ser formada na sua quasi totalidade pelos apaixonados dos dois clubes principais, sobretudo do Benfica, e a sua presença é apenas uma consequência desse entusiasmo clubista; se amanhã os «encarnados» ou os «verde-brancos» não comparecessem na pista ou só figurassem para perder, todo este público desaparecerá também das bancadas.

Devemos reconhecer, sem propósito de censura — apenas porque é verdade e não ganhamos nada em negar a evidência só por ténosia — que realmente se impõe uma alteração de métodos, pois as actuais sessões de atletismo são massacrantes pela demora.

A de domingo passado, que tomaremos para exemplo porque começou praticamente à hora marcada e não teve incidentes estranhos (a chuva do domingo precedente) a interromper-lhe o seguimento normal, acabou às 21,30 horas, o que equivale a dizer que o espectador não residente nos bairros próximos das Salésias — a enorme maioria — chegou a casa para jantar depois das dez e meia da noite. Se não for um «furioso» do atletismo, não volta lá!

A prova de dardo, outro exemplo, com nove concorrentes, que representam 45 lançamentos, durou cinquenta minutos, durante os quais apenas se fez disputar a final dos 300 metros; note-se que quando tal sucedeu a prova do lançamento esteve interrompida, porque os juizes quiseram todos ver quem ganhava a corrida...

Um programa como o de qualquer das jornadas de juniores não deve durar mais de três horas; cinco horas e meia excede os limites da mais evangélica paciência e passa a ser sacrificio agêntar até final o posto na bancada.

Sob o ponto de vista técnico da organização, queremos apontar duas deficiências fáceis de remediar e que, ambas, prejudicaram a regularidade desportiva das provas:

1.ª — É impossível fazer disputar com regularidade uma prova de mil metros alinhando na pista vinte e cinco corredores, com a agravante de serem inexperientes. Fervilharam os encontros, houve bicadas nas pernas, actos condenáveis que a revindicta ditou, mas de tudo os principais responsáveis foram os técnicos, que não se aperceberam antecipadamente da necessidade das eliminatórias.

Não tem fundamento a alegação do suplemento de fadiga que resultaria para os corredores, pois a eliminatória pode ser corrida num domingo e a final no outro; também é poeira nos olhos a invocação de artigos regulamentares que só existem na mente do argumentador, pois o intervalo para a final, único taxativamente determinado, pode ser respeitado sem dificuldades na mesma jornada, ou aproveitando jornadas diferentes. Eu sou, graças a Deus, daqueles tantos portugueses que já viram grandes organizações no estrangeiro e procuraram aprender — e sem rebuço em afirmar que os nossos conhecimentos não passavam de rudimentares.

Por isso não posso aceitar como válidas as sentenças dos auto-didactas, que não querem ver a evidência para não pôrem em cheque o seu imenso talento.

2.ª — A grande maioria dos elementos componentes do júri anda no campo sem o mínimo respeito pelas conveniências dos atle-

tas concorrentes. Reparei que, durante a prova do salto em altura, os senhores juizes andaram em constantes passadios pela frente da barra, em ocasiões de concentração de atletas chamados para saltar; alguns destes, até, interromperam aquela concentração, com evidente prejuizo do resultado, porque os incomodava aquele constante rodopio de vultos no fundo do seu campo visual.

Também não me parece bem que os membros do júri, com funções capitais, que os devem colocar acima de toda a suspeita de preferência, andem durante a disputa das provas guiando os concorrentes de qualquer clube, aconselhando-os na marcha ou corrigindo-lhes estilos. Cada clube deve ter na pista um chefe de equipa, que será o seu orientador técnico, mas sem quaisquer funções oficiais. Ser juiz e advogado de defeza é que não parece compatível; o público suportou, porque era na quasi totalidade da mesma cor dos conselheiros, mas se o facto succedesse com outra corrente, quem havia de o ouvir!

Em torno de mim, e andei por toda a bancada, reclamava-se contra o facto de só se ter declarado nulo um certo lançamento do dardo depois do projectil ter atingido o solo. Mas ninguém reclamou contra outro caso exactamente igual — e também exactamente lógico e honesto — que precedera aquele e colocava o concorrente do Casa Pia muito á frente dos competidores.

Excessos de cubismo condenáveis, mas que são às vezes infelizmente ensinados pela critica facciosa e pelas atitudes dos próprios dirigentes em campo.

Aspecto geral da competição e dos competidores

Os campeonatos dos juniores agradaram-nos menos do que os anteriores, de principiantes e estreantes, não porque lhes fossem inferiores, mas porque tínhamos direito a esperar bastante melhor.

No capitulo concursos, a inferioridade técnica é manifesta — e nas corridas encontramos grande percentagem de classificados transitando das categorias inferiores.

A segunda jornada foi claramente menos interessante do que a primeira, arrastando-se sem necessidade — porque se perderam vinte minutos com uma prova de triplo que não tinha o mínimo significado — e faltando-lhe o estímulo de competições empolgantes. A superioridade do Benfica na maioria das corridas foi o factor dominante da tarde e em algumas desenhou-se tão nitidamente que o interesse desapareceu logo.

O serviço de informação do público melhorou muito, e isso é importante; o terreno estava bem sinalizado, as alturas da barra de saltar indicadas de maneira evidente e apenas alvito que os mesmos números podiam ser utilizados para indicar nos saltos em comprimento o resultado de cada tentativa, processo mais razoável do que o usado clamor do secretário do júri.

As provas de maior interesse foram os 300, 1.000 e 3.000 metros, a estafeta 3x300 metros, o salto à vara e o lançamento do disco.

A referida estafeta foi disputada encarnadamente pelos sportinguistas e benfiquistas e — mais justo do que se apaixonado — entendo dever conferir a ambas as equipas o mesmo elogio. Os rapazes do Sporting terminaram sempre à cabeça os seus percursos, pelo valor das pernas e não pela contingência de pormenores, mas os adversários benfiquenses perseguiram-nos com tamanho afino e tão

Críticas e louvores, alvites e comentários

pelo DR. SALAZAR CARREIRA

grande vontade, que ao seu esforço pertence o merecimento da vitória dos «leões».

Os corredores mais em destaque no torneio foram João Silva, Eleutério e Adriano Gomes; em segunda escolha, Mota Cerveira, João Castilho e António Araújo, sem desprezível para uns tantos mais que mereciam referência.

João Silva impôs-se nos 3.000 metros pela autoridade de andamento e pela inteligente condução da prova, que levou o seu companheiro Gonçalves para o segundo lugar. Os 9 m. 8 s., que constituem novo «record» nacional, atestam o seu valor e creditam-no para as futuras competições com os consagrados; tem bela passada e optimo movimento de braços, ajudando a progressão sem contracções contraproducentes.

Eugénio Eleutério esta rapidíssimo e afirmou-se, de longe, o melhor homem do lote; também melhorou da época passada para esta, sobretudo pela forma como utiliza o trabalho dos braços no equilibrio da posição do tronco.

Duas palavras apenas, que o espaço escasseia, sobre a regularidade de Adriano Gomes, a energia e poder de Mota Cerveira (corredor de quatrocentos com estofa para grandes feitos num futuro próximo), a rapidez e harmonia de João Castilho e os progressos do barreira António Araújo.

No capitulo saltos, confirmaram os seus lugares os estreantes Faustino Guerreiro e Álvaro Dias e o principiante Mota Capitão, em cujas provas ficaram distantes os outros competidores.

Revelou-se um saltador à vara, António Santos, que também poderíamos dizer nosso conhecido de certa escola donde têm saído alguns campeões do nosso atletismo e onde uma grande figura do atletismo leonino é o animador do desporto dos seus pupilos; o rapaz tem invulgares qualidades e será um recruta de valor, no momento oportuno.

Finalmente, nos lançamentos, pouco há também a registar: o lançador do peso Pinto Basto, já conhecido; os discobolos José Luis da Silva e Miranda Andrade, com qualidades a cultivar; e o dardista casapiano Ludovino Martins, que foi o único concorrente a mostrar habilidade natural, infelizmente desacompanhada de conhecimentos técnicos.

Bicicletas «FLECHA»



A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES

Visite a exposição no

STAND FLECHA
LARGO DO INTENDENTE

«Stadium» na provincia

Alcocheta — Comemorou-se o vigésimo aniversário do Imparcial, com um festival desportivo e uma sessão solene. A festa no campo foi preenchida por dois desafios de futebol, com os resultados seguintes: Juventude Barreirense-Imparcial, 3-1; Unidos do Montijo-União Moitense, 2-2. Na sessão solene procedeu-se à inauguração do estande da colectividade, acto apadrinhado pela menina Maria Leonor da Costa e Cruz e pelo sr. Manuel de Quintela, usando da palavra, nessa altura e entre outros, os srs. António da Costa e Cruz e José Leirias Gonçalves.

Alhandra — Terminou o campeonato infantil de ténis de mesa, organizado pela Associação de Lisboa, com o jôgo «Cimento Tejo»-Alhandra, ganho pelo último, por 5-1.

Este campeonato, que pela primeira vez se realizou na região, despertou grande interesse.

Mealhada — A equipa de futebol do G. D. de Antés Mealhada foi jogar a Coimbra, com o Sporting Nacional, empatando por 0-0.

Santa Cruz da Traça — O Sactruzenze encerrou com chave de ouro a época, pois recebeu a visita do Onze de S. Pedro do Sul e venceu-o por 3-1.

Vila Franca de Xira — Os campeonatos regionais de ténis de mesa foram este ano rijamente disputados, sendo necessárias finais nas 2 categorias, para apuramento dos vencedores, visto no final da 2ª volta haver vários clubes com o mesmo número de pontos. Em 1.ª e 2.ª categorias, a final, disputada entre o Ateneu Vilafranquense e «Cimento Tejo», deu a vitória ao Ateneu, por 5-2. Em 2.ª, a final foi disputada entre o «Cimento Tejo» e o Alhandra, vencendo o último, por 5-4.

— Está sendo disputado, com grande interesse e animação, o campeonato individual de ténis de mesa, e, para terminar a época, a Associação de Lisboa promove ainda o 1.º Vila Franca-Alhandra.

Movimento associativo

O Lusitano F. C., de Vila Real de Santo António, elegeu os seus novos corpos gerentes, que são os seguintes: assembleia geral, Álvaro Magno Guerreiro, João de Almeida Cavaco, Manuel de Oliveira Rosa e João Travassos de Brito; direcção, Francisco Medeiros Aleixo, José Trindade Rosa, Aurelio Nené, Francisco Alves do Carmo Pessanha, José Gêneslay, Afonso da Cruz Samudio e Júlio Jorge Fernandes, efectivos; Firmino António Júnior, António Samudio, Deodato Belino Pires, Luís Félix da Silva, António Pêres Correia, Joaquim Sabino e Sebastião Santos Silva, suplentes; conselho fiscal, Jacinto Figueiredo, Manuel José Dias e António Soares.

— Também no G. D. Mouraria se procedeu a novas eleições, com o resultado seguinte: assembleia geral, Mário Lopes, Agostinho Sequeiro da Silva e Carlos da Cruz Pinto; direcção, Leonel Barata, Vergílio Pinto, António Figueiredo Peres, José dos Santos Caetano, Júlio da Fonseca, José Maria Ramos e Fausto Joaquim da Costa; conselho fiscal, António Cruz, Albertino Casquilho e Renato Lopes.

— As eleições no União de Coimbra forneceram a indicação seguinte: assembleia geral, Albano Cardoso dos Santos Gameiro, Augusto José da Silva, Artur Rodrigues e Adriano Gonçalves; direcção, Adolfo Teles, Agostinho Leandro, João António Fonseca e Sousa, Mário Simões, Mário Borges, Raul Mariz Seabra e António Antunes; conselho fiscal, António Simões Mizarela Júnior, Serafim Ferreira Monteiro e Emiliano Soares Marçal.

«DIÁRIO DO ALENTEJO»

Entrou há dias no duodécimo ano de publicação o «Diário do Alentejo», porta-voz regionalista com sede em Beja, a quem felicitamos por esse motivo, apeteendo-lhe as maiores prosperidades.

NOS lindos salões da Casa do Alentejo inaugurou o Clube Nacional de Campismo, em colaboração com o Secretariado da Propaganda Nacional, uma bem demonstrativa exposição de campismo, que nos elucidou perfeitamente da actividade do útil desporto ao mesmo tempo que constituiu excelente meio de propaganda e divulgação da modalidade, tanto mais que a exposição se repete no Porto e em Coimbra.

Este certame surgiu no melhor momento. E é atraente, prendendo a atenção pela forma artística como está disposto e pela variedade dos assuntos. O Clube Nacional de Campismo, que imprime à modalidade a sua séria e sempre entusiástica actividade, tanto no aspecto técnico como no de propaganda, oferece-nos nos salões daquela casa regionalista — até o local escolhido se prende com a ideia da exposição — uma lição magnífica de campismo.

A exposição foi inaugurada pelo sr. tenente coronel Salvação Barreto, ilustre director Geral de Desportos, acompanhado do sr. capitão António Cardoso, dirigentes da «Mocidade Portuguesa, desportistas, etc.

A exposição compreende as seguintes secções: História; Material; Campismo Pedestre, Náutico e Cielo; «Sky»; Pesca; Cultural; e Campismo Fixo.

Dois outras secções chamam também a atenção: a inglesa, com o concurso do «The Camping Club» da Grã-Bretanha e da Irlanda, e que nos dá ideia, em bellissimas fotografias e modelos de diverso material, da actividade de um dos desportos mais favoritos dos britânicos; e a secção alemã, mostrando-nos, em formosas fotos, a juventude germanica em plena actividade desportiva e com especialidade os seus albergues e a vida dos acampamentos.

Todo o necessário material para a prática do «camping» está ali exposto, desde o indispensável até o mais completo: modelos de

NO PORTO

TRÊS DIAS DESPORTIVOS na G. N. R.

MERCÊ da superior orientação de quem comanda, as nossas unidades militares têm procurado desenvolver, internamente, a cultura desportiva a par de metódica prática da gymnástica.

Há dias, no quartel da G. N. R. do Carmo, tiveram lugar três jornadas desportivas, para disputa da taça «Tenente-coronel Manuel Couto», que ficará propriedade definitiva da sub-unidade que a conquistar dois anos consecutivos ou três alternados. Nessas jornadas foram incluídas provas diversas, mas todas elas integradas no mais são e lidimo desportivismo. Tiro, luta de tracção, «volley-ball», gymnástica, lançamento de peso, individual e por equipas, e estafetas 4x400.

Dando o mais perfeito exemplo, as equipas englobaram não só officiaes e sargentos, mas cabos e soldados, todos irmanados no mesmo desejo de praticarem desporto por desporto.

Entre aqueles salienta-se os nomes dos srs. capitão Anta, tenentes Abel António e Sequeira, alferes Faria e Tavares da Silva e sargentos Gaspar e Folgado.

As turmas de gymnástica, representativas da 4.ª e 1.ª companhias e do esquadrão, classificadas por esta ordem, foram apresentadas pelos srs. tenente Lima e alferes Faria e Aguiar, tendo feito optimas exhibições e demonstrando superior preparação atlética, prova dos bons resultados colhidos nos ensinamentos ministrados pelos seus instructores.

E assim se vai transformando a fisionomia dos nossos quartéis, mesmo os da G. N. R., com mocidade militar mais forte, mais do nosso tempo, longe dos velhos «bigodões» obrigatórios...

Agora, os novos soldados da G. N. R. têm outro aspecto, outra compleição. Praticam os desportos de forma a poderem manter, em estado permanente, a agilidade de movimentos necessária para os conservar prontos e adestrados no cumprimento da sua missão.

INAUGUROU-SE a Exposição Nacional de Campismo

barracas, trajos apropriados e, ao fundo de uma das salas, um acampamento fixo, montado a rigor.

Os «kayaks» — barcos desmontáveis utilizados pelos campistas náuticos — são a melhor referência desta especialidade.

O ciclo-campismo, que neste momento está em pleno entusiasmo, tentando grande número de praticantes do belo desporto, é documentado com vários modelos de bicicletas «Flechas».

A pesca, também um desporto que tem nos campistas muitos adeptos, apresenta uma secção curiosa e bem elucidativa, pelo material exposto e pelo mapa com as zonas de pesca do país.

A serra da Estrêla — tentação de tanto campista — está lembrada nos salões da exposição com os seus farrapos de neve, os seus panoramas lindos. Rodando esta interessante propaganda da Comissão de Turismo da Covilhã, os equipamentos apropriados para campismo de inverno.

A Sociedade Portuguesa de Naturologia apresenta um modelo de tenda naturista e as indicações do valor nutritivo dos alimentos.

Depois, a colaboração — indispensável na história do Campismo — do Núcleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal», com recordações e gráficos elucidativos da sua actividade e o seu grito patriótico: «Mais alto! Mais além!»

Secções especiais do «Grupo Campista da Estrêla» e da «Caravana Campista de Lisboa»; fotografias, que são outras tantas recordações dos belos dias de acampamento; uma curiosa coleção de borboletas — a distração predilecta do sr. David Fonseca, quando em acampamento; e embelezando o conjunto desta interessante exposição de campismo, em que todo o material exposto foi expressamente confeccionado, os galhardetes vistosos dos grupos de campismo «Ar Livre», «Os Corsários», «Clube Atlético de Campo de Ourique», «Camping Club do Estoril», «Terra Nostra», «Invencíveis», «Mar e Sol», delegação do C. N. C. em Setúbal e grupo «Ar e Sol».

F. S.

À LAREIRA...

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

PROBLEMA N.º 89

HORIZONTAIS: — 1 — Alveoide em que as abelhas depositam o mel; 2 — Frense; 3 — Relativo ao nariz; 4 — Flor do Craveiro; 5 — Sacudote mulumano; 6 — Plana satélite da terra (flu.); 7 — Viscera dupla; 8 — Moeda italiana (pl.); 9 — Ama muito; 10 — Pequeno congrio; Peça de vestuário que cobre a cabeça, pescoco e ombros das freiras; 11 — Partida; Caminhãl; Navio; 12 — Movér os remos; Conjunto de pequenas plantas agrestes (pl.); 13 — Garinhoso; 14 — Quemas; Arbusto trepador de Angola.

VERTICAIS: — 1 — Utensilio usado para a passagem de liquido para outra vasilha; 2 — Afeição; 3 — Apontar; 4 — Adoro (inv.); 5 — Além; Governanta; 6 — Planta do pé (pl.); Metal precioso (pl.); 7 — Corda sensível; 8 — Fossomos; 9 — Graecjar; Afluente do Mondego; Membro com que se leva vóam; 10 — Planta vinaz e medicinal; Gorduras; 11 — Vento brando e fresco; 12 — Cheiro agradável; Cabo de navio.

«STADIUM» na capital do Norte



1 — Campeonato nacional de «basket-ball» — Uma fase do jogo Guifões - Tênis de Mesa. 2 — Atletismo — José Romero, do F. C. P., vence destacado nos 250 metros. 3 e 4 — A piscina de Espinho — Os nadadores que disputaram as provas da inauguração e os jornalistas durante a visita da Imprensa na torre de saltos. 5 — Educação física no C. N. R. — Uma exibição de ginástica

(fotos Hermann)



Fernando Adrião

O desportista que mais vezes representou Portugal no estrangeiro — abandona a actividade

O melhor "keeper" português de "hockey" de sempre — vai abandonar a actividade, ao cabo de 22 anos de práticas desportivas! Fernando Pinto Adrião tem 35 anos, apenas, pois nasceu no mês de Junho de 1908, na freguesia de Benfica. E, caso curioso, em Benfica constituiu lar e família, por Benfica tem jogado sempre: primeiramente no Sport Lisboa, de 1923 até princípios de 1934, e no Futebol Benfica, de então até agora. E' o desportista português com maior número de selecções — cinquenta e duas! — e que mais vezes representou o País no estrangeiro. Jogou em França (Biarritz e Bordeus), Bélgica (Antuerpia), Inglaterra (Herne-Bay, cêrca de Londres), Alemanha (Estugarda), Espanha (Vigo) e Suíça (Montreux). Adrião forma, com Leonel Costa e Germano Magalhães, a "trindade" dos mais antigos jogadores de "hockey" ainda em actividade — e foi o único elemento seleccionado para tôdas as representações nacionais da modalidade ao estrangeiro (43). E tanta é a sua "classe", tão grande o valor afirmado por êste "rapaz" de trinta e poucos anos, que no primeiro campeonato mundial de "hockey" patinado, que se disputou em Abril de 1936, em Estugarda, a crítica alemã distinguiu-o como o melhor guarda-rêdes do Mundo, valendo-lhe isso o ter sido seleccionado para um misto que defrontou os campeões — que foram e são os ingleses. Mas já antes, tanto em França, como na Inglaterra e Suíça, Adrião havia merecido da crítica as mais elogiosas referências.

E' longa a sua carreira. E brilhante, como era natural que o fôsse num homem considerado o melhor "keeper" da modalidade, ainda sem rival. Adrião abandona na altura precisa, quando as suas faculdades não sofreram abalo. E' certo que a idade não perdôa e faz, sempre, os seus "estragos" — consequências, afinal, do natural desgaste de energias... — mas a verdade é que Adrião, a-pesar-de todos os "ataques" movidos por outros guarda-rêdes da modalidade (Faria, Pedrosa e Emídio, que constituem o "terceto" dos melhores) — ainda não foi destronado, conservando-se vitoriosamente no pedestal erguido à sua custa... Mas abandona, sim, por necessidades imperiosas da vida: é que Fernando Adrião vai viver para Lourenço Marques, onde também tem família. E é natural que em Africa se dedique à propaganda do "hockey", ministrando os seus conhecimentos — que os tem, e muitos — aos neófitos que apareçam e queiram dedicar-se à modalidade.

Fernando Adrião é um ídolo do público desportivo, especialmente daquêle que se habituou a vê-lo nas balizas das equipas de "hockey" do Benfica e do Futebol Benfica, das selecções de Portugal e de Lisboa. Por isso é natural que na noite de 22, no Estádio Mayer — onde o benfiquense faz a sua festa de despedida — êsse mesmo público, a quem Adrião proporcionou momentos de inolvidável curiosidade e satisfação, compareça no mais elevado número, a-fim-de que o homenageado tenha a consagração que merece. E, para remate, diga-se que Adrião parece ter encontrado um "substituto" na pessoa de seu filho, Fernando como êle, um petiz de cinco anos, apenas, mas que tem já vocação para o lugar em que o pai se notabilizou...

!é Quem sabe se o Fernandito virá um dia a ser um "ás" em desporto?! Que, de resto, não lhe falta habilidade — nem a tradição da família...

Jorge Montelro





O FESTIVAL DO ESTÁDIO

proporcionou lutas emotivas, nas quais sobressaíram
Inácio, Aristides, José Ferreira, Sílvio e Dias dos Santos

QUANDO corria mundo a fama dos célebres velocipedistas Jacquelin e Taylor, e isto deu-se nos fins do século passado, o crítico francês Jacques Huret, que foi também «recordman» mundial, escreveu, a propósito das sempre famosas provas de mil metros que aqueles atletas disputavam entre si, as seguintes frases:

«Nada há mais emotivo, mais arrebatador e mais espectacular, nas competições de pista, do que as corridas de velocidade pura, pois por vezes uns últimos duzentos metros são suficientes para convencer o descrente de que, afinal, o ciclismo é a mais bela modalidade desportiva que se pratica no Velho e Novo Continentes.»

Razão tinha o jornalista francês quando se manifestou de tal maneira, porque no domingo, no festival organizado para inauguração da temporada de corridas de pista, que vão ser prelo de importantes competições internacionais, as provas de mil metros, embora disputadas na maioria dos casos, por gente que não era especializada em tal género de competições, foram as que melhores lutas proporcionaram, as que mais fizeram vibrar o público e também as que mais bem nos impressionaram como espectador e crítico.

Vitórias com mérito

Logo nas «séries» das corridas de amadores houve luta e da melhor. Sílvio Costa, mais «duros» e correndo também mais inteligentemente, pois nunca deixou os adversários tomarem a iniciativa do ataque, seguindo-os ombro a ombro, venceu bem um Júlio Mourão, fogoso mas mau tático, e um Ernesto Rodrigues, habilidoso, mas sem «fundo» para se aguentar numa embalagem iniciada a mais de 400 metros da meta.

Depois, quando os independentes principiam a correr, o «caso» tornou-se falado e bastante gesticulado, porque o público começava a levantar-se ao toque da sineta, «torcia-se» à medida que os ciclistas iam circundando a pista e terminava por dar largas ao seu contentamento ou desespero, isto consoante era o seu favorito que venia por escassos centímetros ou era vencido pelo comprimento insignificante de meia roda.

Foi assim na série de Sereno e Júlio Pereira, que este ganhou por «um tubo» depois de um ombro a ombro de 500 metros; foi assim na emotiva «série» de Jacinto, Inácio e Rebelo, na qual os três chegaram distanciados uns dos outros por centímetros, conforme se vê numa foto hoje publicada; e foi também quasi assim na final entre José Ferreira e Inácio, final que abusivamente se fez repetir, em desrespeito por tudo quanto está regulamentado, alegando falta, que, quanto a nós, não existiu, mas mesmo que se verificasse só haveria o recurso de desclassificar o infractor, e nunca o de a fazer correr de novo.

Ferreira, embora tendo de se haver com um Inácio que não «desarma» senão passado o risco da chegada e que em plena embalagem arranca mais de uma vez — tal como fazem os «sprinters» de gema, venceu bem qualquer das «finais», quer corresse à «corda» quer pelo exterior. A «quebra» de Inácio já sobre a meta, que provocou protestos, foi mesmo, quanto a nós, mais o facto dos seus

músculos não terem respondido à «chamada para reagirem» do que «apêrto» ou irregularidade de Ferreira.

Novos de qualidade

Não desmoreceram no confronto com as provas de «ases» as competições dos novos. Em iniciados, o sportinguista António dos Santos, superior a todos os adversários, teve as honras da tarde, ganhando o «critério» e a eliminação. Nos «amadores», Guilherme Jacinto, fogoso e combativo até mais não poder ser, chamou a si a vitória no «critério» da sua categoria. E na «americana» de 1 hora, destinada aos independentes, na qual participaram amadores, Rocha, Guilherme Jacinto, seu irmão José e António dos Santos chegaram por vezes a ombrear sem desfalecimentos com os companheiros da categoria superior.

Uma prova movimentada

Era a corrida à «americana» a prova máxima do festival. Nela participaram Rebelo, José Ferreira, Jacinto, Túlio, Rocha, Guilherme Jacinto, Amândio e José Pombo, da Iluminante; Inácio, Aristides, Trindade e Ildefonso, que reapareceram, Júlio Mourão e Baptista Alves, do Sporting.

Venceu esta corrida, com justiça, pois foram os concorrentes que melhor «aguentaram» a distância, o duo «leonino» Aristides — Inácio. É certo que a meio da corrida chegaram a estar em perigo, mercê do ataque de Rocha e José Jacinto, que conseguiram ganhar-lhes uma volta. Mas logo que os homens da Iluminante, numa «sofreguidão» de luta, principiam a atacar, quando o seu papel nessa altura seria o de remeterem-se a prudente defesa, e ainda logo que Inácio, homem de recuperações rápidas, reagiu belamente, cuajuvado por Aristides, a vitória não podia deixar de sorrir aos sportinguistas.

Porque no final da corrida, que havia sido movimentada ao máximo, Ferreira e Rebelo estavam fatigados e Jacinto e Túlio nada podiam fazer contra os endiabrados «leões».

Resultados: 1.ª — equipa A do Sporting (Inácio e Aristides) — 92 voltas; 2.ª — equipa A da Iluminante (Rocha e José Jacinto); 3.ª — equipe B da Iluminante.

Uma organização cuidada

Posto de pé sem grandes pretensões — pois o Sporting e a Iluminante só pretenderam dar começo à tarefa que têm entre mãos, e que será nem mais nem menos o ressurgimento do ciclismo em pista — o festival de domingo agradou sob todos os aspectos, desportiva e atléticamente, porque se lutou com brio digno de elogios e porque tudo decorreu sem atritos.

Até mesmo como elemento de propaganda a organização satisfaz, porque o público saiu bastante satisfeito e disposto a voltar. Ou não se tivesse assistido a umas quantas provas de bom quilate...

Algumas notas

Não queremos deixar de nos referir ao esplendido aspecto da pista, aspecto que felizmente traduz também as suas já óptimas

VINTE ANOS ATRÁS

(Conclusão da página 3)

— A Associação Académica derrotou o União de Coimbra, por 3-1, conquistando por isso o título de campeão regional.

— O Red Star venceu o Futebol C. de Cete por 4-2, ganhando pela 3.ª vez a «Taça de França».

— Em Paris, no Velódromo Bufalo, Carpentier poz K-O, ao 8.º «round», o campeão Marcel Nilles.

— Nos dias 6 e 7, em Vila Real de Santo António, o Lusitano local inflingiu duas derrotas ao Luso do Barreiro, por 4-0 e 2-0.

— O grupo checo Musclsky, de Praga, esteve entre nós a convite do Império Lisboa Clube. No dia 10, ganhou ao Benfica por 5-2. No sábado 12, perdeu com o Império, por 2-0. Nos dias 13 e 15 empatou com o Belenenses e com o Sporting, respectivamente a 2 e a 3 bolas.

— No domingo, 13, José Pereira da Conceição ganhou os 50 quilómetros da U. V. P., seguido por Joaquim Raposo e José Sequeira.

— Nas mesmas condições da «final» disputada uma semana antes em Lisboa, o F. C. do Pôrto venceu o Sporting de Espinho por 2-0, conservando o título de campeão regional.

— Para o campeonato de Inglaterra da categoria «pesados», Beckett venceu Dick Smith ao 17.º «round».

— O Atlético de Bilbao ganhou o campeonato de Espanha, depois de bater o Espanhol, de Barcelona, por 1-0. Travieso apontou o único tento da partida.

— O Belenenses fez dois jogos na Figueira da Foz. Ganhou ao Gimnásio Figueirense, por 9-2, e a uma selecção, por 4-1.

— Terminou, no dia 15, o campeonato nacional de luta, organizado pelo G. C. P. O «elevisíssimo» Benjamin de Araújo, do Ateneu, ficou campeão de todas as categorias.

— Em 20, na meia-final da «Taça Mutilados da Guerra», o Belenenses venceu o Império, por 3-0.

— O Chelsea jogou em Vila Real de Santo António, com o Lusitano. Ganhou por 1-0. No «match»-desforra, verificou-se um empate, a 2 bolas.

— Num festival levado a efeito no seu campo, o Fósforos bateu o Barreirense, por 3-2.

— No domingo, 27, disputou-se, no Campo Grande, o II Lisboa-Galiza, arbitrado pelo engenheiro Luís Rebelo da Silva. Os nossos compatriotas ganharam por 2-1. Pinilla converteu uma grande penalidade. Após o intervalo, João Francisco e Jaime apontaram as bolas do grupo vencedor. Alinharam: por Lisboa — F. Vieira; Pinho e Jorge; Fernando Jesus, Vítor Gonçalves e Portela; Tóres Pereira, Jaime, João Francisco, Crespo e Alberto Augusto. Pela Galiza — Izidro; Juanito e Passarin; Viñas, Balbino e Esteves; Reigosa, Ramon, Posada, Polo e Pinilla.

— O Clube Internacional de Futebol fez dois jogos em Beja. No primeiro perdeu com o Glória ou Morte, por 4-2. No segundo ganhou ao Pax Júlia, por 2-0.

— O Real Fortuna, de Vigo, empatou no Pôrto com o campeão local, por 4-4.

— Terminou, com a vitória de António Pereira, o campeonato de força de Lisboa.

— Em 31, concluiu o campeonato nacional de espada de júniores. Ganhou-o o capitão Sacramento Monteiro, da E. E. Jaime Nunes de Carvalho, da S. C. G., e D. Vasco de Alarcão, do C. N. E., classificaram-se a seguir.

condições para provas de todos os géneros: velocidade pura e americanas em corridas em linha. Os «releves» e as saídas mantêm-se bem delineadas e o piso, se dele cuidarem assiduamente, ficará excelente.

No que respeita à apresentação dos corredores, nada há a dizer senão bem. Equipamentos de bom aspecto — feliz a escolha da equipa do Clube Alunos de Apolo; disciplina dentro e fora da pista e prontidão à chamada para alinhar e correr.

Em resumo: um exito que deverá — oxalá assim seja — repetir-se no próximo domingo.

TÊNIS

Prata Dias, Rui Pereira, Jaime Quintana e M. Nunes dos Santos ganharam os campeonatos individuais de Lisboa

A ansiedade com que era aguardado o começo da temporada oficial de ténis foi — finalmente! — satisfeita.

A época abriu há dias. E desta vez não foi o tradicional torneio de «handicap», denominado «Taça Ernesto Bastos», que serviu para início da actividade da F. P. L. T.

A imperiosa necessidade de poupar as bolas de que dispõem, levou os mentores do ténis nacional a protelar a inauguração das provas oficiais, a reduzir o calendário e a escolher os campeonatos individuais de Lisboa para princípio da temporada.

A notícia da efectivação das provas apareceu como que de surpresa. Por isto e porque as datas escolhidas foram pouco favoráveis aos nossos jogadores, na sua maioria estudantes, os concorrentes foram em menor número do que há um ano, circunstância que, por si só, fez diminuir o interesse dos campeonatos.

Os vencedores inscreveram, pela primeira vez, os seus nomes na lista dos campeões — facto que não pode deixar de ser registado com satisfação, pois revela que novos valores vão surgindo.

Em segundas categorias — que, com maior propriedade, poderíamos hoje considerar primeiras, dado o desinteresse dos jogadores da categoria principal — a vitória de um «novo» merece mesmo referência especial. Nos últimos anos, A. Campos de Andrade e A. Gama Lobo decidiam quasi sistematicamente entre si a conquista do título.

Dir-se-ia que aos «novos» estava vedado o direito de alcançarem o título, o que, pela sua repetição constante, poderia vir a provocar o alheamento de alguns jogadores da moderna geração.

Jaime Quintana, do Sporting, e Manuel Prata Dias, do Internacional, dois rapazes da roda dos vinte anos de idade, e sobre os quais se fixavam há muito atenções especiais, são agora os campeões, respectivamente, de 3.ª e 2.ª categoria. As suas vitórias podem cons-

tituir precioso estímulo, não só para eles próprios mas também para um punhado de rapazes que, se quiserem dedicar-se à modalidade, podem nela vir a obter lugar de evidência.

O campeonato de 3.ª categoria foi disputado por 13 jogadores, entre os quais alguns desconhecidos nas competições oficiais e outros que só episódicamente aparecem.

O vencedor, Jaime Quintana, parece ter compreendido, finalmente, que a sua inscrição nesta prova só lhe poderia ser útil. Nos últimos tempos preferiu «vãos mais altos», sem resultados práticos. Assim, gradualmente, começando por onde deve, pode ter assegurado melhor a possibilidade de progredir. Do lote dos concorrentes, ele foi, de facto, o melhor. Vitória justa, portanto.

A surpresa do torneio forneceu-a José Nobre Guedes, vencendo, sucessivamente, Alfredo Braga e M. Machado Macedo, embora com o seu quê de dificuldade. Chegou, contudo, à final... e tanto basta para que o seu nome tenha de ser fixado, além de que revelou qualidades a aproveitar.

Pina Cabral — outro desconhecido — e Machado Macedo foram os dois vencedores das meias finais, tendo ambos justificado a sua presença nesta fase da prova com a actuação nos encontros anteriores.

Dr. Viveiros Pinto, A. Seabra Pinto e Alfredo Braga tiveram permanência mais episódica do que poderia pensar-se, exibindo-se abaixo das suas possibilidades.

António Cunha, Faustino David, Godinho Martins, Carlos Bragança e Manuel Nunes dos Santos evidenciaram desejos de progredir.

A prova de pares-homens teve escasso interesse. Jaime Quintana e M. Nunes dos Santos ganharam naturalmente. A maior experiência do primeiro e os progressos do segundo justificam a vitória. Depois desta formação podia pensar-se no «duo» Dr. Viveiros Pinto-Seabra Pinto.

O campeonato de segundas forneceu uma prova animada. Registraram-se alguns resultados inesperados, outros mais nivelados do que se calculava e outros, ainda, mais expressivos do que se previa. No conjunto, portanto, uma competição bem disputada.

Manuel Prata Dias e Rui Pereira foram finalistas. A tarefa do primeiro para chegar à última etapa foi mais fácil do que a do segundo. Acresce, ainda, o facto do primeiro estar fisicamente mais bem preparado do que o segundo e os dois factores pesaram nitidamente nas possibilidades dos dois jogadores no encontro decisivo. Isto não significa que Prata Dias não tenha ganho com todo o merecimento e que Rui não tenha estado à altura da situação. Anote-se, até, que foi o único adversário do novo campeão que lhe impôs 3.º «set».

Campos de Andrade, melhorando de dia para dia, chegou às meias finais juntamente com o marquês de Mendia. Para tanto, o primeiro soube valer-se da sua maior experiência, e o segundo, da sua maior regularidade.

Gama Lobo, o campeão de 1942, quedou-se nos quartos de final, eliminado por M. Mendia. Uma consequência dos anos não perdoadora...

Factos a salientar: a vitória de Machado Macedo sobre M. Vinhas e a dificuldade de Campos Andrade perante o dr. Viveiros Pinto.

Em pares-homens, a vitória pertenceu a Prata Dias-Rui Pereira, após tarefa difícil, porque as formações M. Vinhas-Júlio Bastos e C. Andrade-Mendes Almeida Pinto deram réplica da melhor. O par finalista, Campos de Andrade-F. Mendes de Almeida, teve adversários difíceis no duo dr. Viveiros Pinto-Seabra Pinto.

DRIVE

RUI ABREU TÓRRES

Encontra-se de luto, por motivo do falecimento de sr. querido pai, o nosso estimado colaborador sr. Abreu Tórrés, a quem «Stadium», acompanhando-o na sua profunda dor, endereça o sentimento de pesar de quantos aqui trabalham.

BENI LEVY

O consagrado e valeroso campeão nacional defronta hoje, no Estádio Mayer, o duro pugilista espanhol Tarré!

A visita do UNIDOS ao Porto

(Conclusão da pág. 7)

O seu «goal» — o da vitória, é curioso — já no prolongamento, surgiu quando os nervos estavam queimados de parte-a-parte, quando o organismo já não obedecia à inteligência.

José Guilherme arbitrou como um príncipe. Enormes erros, de palmatória...

Os grupos, se não os animasse uma ideia mais elevada (note-se o belo exemplo do capitão do Unides, pedindo ao árbitro a permanência em campo de um jogador adversário, a quem havia sido ordenada a expulsão do terreno) tinham basta margem para desejarem que se repetisse o jogo...

Porque o condenamos? Pela mesma razão por que louvamos Carlos Lauceiro: pelo seu trabalho. A diferença técnica entre ambos os árbitros do Colégio de Lisboa é infinita — ou, pelo menos, assim o demonstraram as suas arbitragens nos campos portuenses.

Se de um lado (Lauceiro) pode ter havido felicidade, já no outro (Guilherme) a pouca sorte não se evidencia quando se ignoram as leis do jogo.

Será infelicidade, por exemplo, um prolongamento de 30 minutos em duas partes de 15, cronometricamente marcadas?

E o intervalo de 15 minutos, no prolongamento, quando a troca de balizas deve fazer-se sem perda de tempo?

Ainda não foi a última reunião, em Lisboa, de Edgar Fernandes, que serviu para concretizar uma certeza absoluta: que, dentro da área de deslocação, nos procedimentos contra o adversário, não há «divres», mas sim «castigos de 13 metros».

No entanto, a este respeito, o sr. Guilherme, de Lisboa, teve critério diferente, conforme o meio-campo onde se registavam as faltas...

A questão de «distância», nos «divres», Regra 14.ª, nem sempre foi respeitada: em certa jogada, Rodrigues, ao tentar impedir o remate de Marreiros, desviou o esférico para dentro do semi-círculo, onde o guarda-rédes impediu o ponto.

Castigo aplicado: canto curto. Por que não «castigo de 13 metros» ou, então, admitindo casualidade, bola do guarda-rédes?

Na 2.ª-feira, o Unidos foi de visita ao campo do Vilanovense, onde encontrou o grupo local. Os visitantes ganharam por 7 bolas a 5, depois de um jogo sem preocupações, mas nitidamente favorável. Novamente o conjunto dominou a energia dos galenses, embora o onze de Lisboa acusasse o esforço do dia anterior.

LEME

NOTAS... SEM VALOR

(Conclusão da pág. 7)

por mérito desportivo, batendo no terreno os seus adversários. A equipa do Lima, contando apenas com a vontade dos seus dirigentes e praticantes, trouxe para a sua colectividade mais um campeonato regional.

— Está confirmada a saída de Abílio, jogador da turma de basket-ball do Futebol Clube do Porto. Ingressa, novamente, no seu primeiro «lar» — Vasco da Gama. O campeão de Portugal, tem portanto, na próxima época, mais um dos «fugitivos»...

— A receita da final do campeonato de Portugal de hand-ball foi de seis mil escudos, inferior certamente ao que daria uma final disputada entre o F. C. do Porto-Belenenses. Todavia, o Unidos de Lisboa, com menos «cartaz» desportivo — era a primeira vez que disputava a final — deu à Federação uma boa compensação financeira...

— Conta-se nos «mentideros» da bola com muitas surpresas no início da próxima época. Há muita «embrulhada» — eis o ponto predominante nas esferas directivas. Deu-se ao «caso» maior amplitude, por precipitação dos «interessados»...

— Os incidentes do jogo Académico-Ramaldense, no dia de «S. João», vão ser esclarecidos com uma sindicância feita por Manuel dos Santos, elemento indicado pela Associação de Futebol do Porto.

O «inquiridor», sem olhar a facções clubistas, tem personalidade desportiva, já demonstrada noutros cargos associativos.

— O «volley-ball» entrou em regime de Comissão Administrativa. O novo desporto tem uma figura de valor — Aquilino Ribeiro.

DR. ALVARENGA

Tal como em Paris...

OS NOSSOS CAMPEÕES DE CICLISMO

são também habéis e pacientes
professores de velocipedia

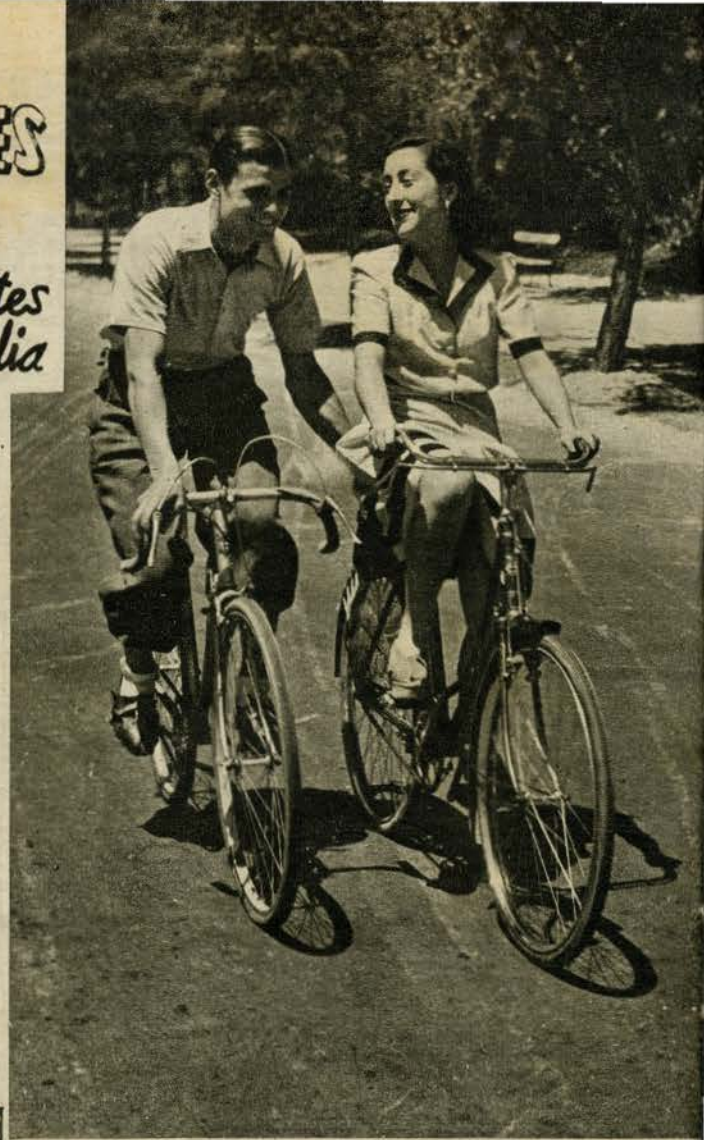
CHARLES Pellissier, o benjamim de uma família de campeões de ciclismo e que figurava entre os mais elegantes corredores franceses, creou fama de ser também o mais gentil e afável para todos quantos privavam com ele antes de atingir a auréola de atleta extraordinário. Logo que conquistou as primeiras vitórias e principiou a ombrear com os «ases» — e isto deu-se quando não tinha ainda vencido o «Circuito de Paris»: a prova Paris-Reims e outras competições de renome mundial — Charles tornou-se logo o idolo da juventude francesa, «enfant gâté» das reuniões mundanas e convidado illecto de clubes célebres de Paris.

Tamãha simpatia teve origem na maneira solícita usada por Pellissier para atender todos quantos o abeiravam para pedir conselhos sobre a melhor forma de pedalar ou acerca do mais prático processo de aprender a andar de bicicleta... E então, quem percorresse, pelo meio da tarde, os circuitos do Bosque de Bolonha ou as alamedas de Longchamp, havia de encontrar o devotado estradista a ministrar o seu saber a qualquer animado filho de certo comerciante dos Campos Eliseos, a determinada estrela de «music-hall» largamente conhecida em Montmart, ou à artista de cinema em voga no «film» da Paramount a exhibir-se no Fox ou no Rivoli.

Assim, entre outros, Prejeau, Daniele Darrieux, Anabella e Victor Frances usavam-se de ter sido sob as vistas do «grande» Charles que deram as primeiras pedaladas...

Mas nem só Paris teve os seus campeões entregues à faina de trazer para a prática da velocipedia novos e entusiásticos adeptos. Lisboa, que tem o seu Campo Grande, «a sua alameda de ciclismo e para ciclistas», como dizia espirituosamente o malogrado René Dasse quando nos visitou — também se orgulha de ter dois campeões «mestres de ciclismo»...

João Lourenço, vencedor de tantos campeonatos, é hoje, com o seu parque de aprendizagem em pleno Campo Grande, o iniciador de muitos neófitos na arte de pedalar. E tal como em



Paris, lá vão receber lições alguns dos nomes mais populares do nosso cinema e da rádio.

Maria Celeste, Suzete Silva, Marieta Duval e a juvenil Cidália Metreles, foram ou são discípulas do estradista «leonino» — que tem a coadjuvá-lo outro campeão em principio de evidenciar-se: o jovem Júlio Mourão.

Montados nas suas elegantes «Flechas» — a máquina dos campeões — Lourenço e Mourão possuem, por assim dizer, o segredo da arte de bem ensinar a equilibrar-se sobre um veículo de duas rodas. É certo que as suas alunas são obedientes, destemidas e habilidosas... As nossas fotografias provam-no: Cidália Metreles já segue quasi desamparada na sua segunda lição e Milita, sua irmã, nem sequer necessita de auxilio...

As «Flechas» rolam suavemente, desafiando as menos audaciosas. Encantadas com a modalidade que praticam e cativadas pelas belezas de tão salutar desporto, quer as principiantes, quer as ciclistas já feitas — como afinal toda a gente que experimenta deslizar em tão agradável engenho — sentem a alegria peculiar aos velocipedistas. A independência com que se deslocam e a singularidade de ser a própria pessoa que impulsiona o seu veículo, sem auxilio estranho, será sempre, juntamente com os benefícios que se colhem, o melhor elemento de propaganda do desporto do pedal — o desporto-rel em muitos países. E os portugueses seguem o mesmo trilho, visto que a modalidade tem recebido grande incremento, em particular sob o aspecto turístico.

Bem hajam, pois, João Lourenço e todos quantos se dedicam à faina de ensinar a andar de bicicleta. Tais iniciativas só redundam em benefício de um desporto que tem tanto de útil como de agradável...